

“Espiral do Conto”

contos que ouvi
contos que me contaram
contos que conto agora
4º K - E.B. Zeca Afonso

Inserido na atividade "Espiral do Conto - contos que ouvi, contos que me contaram, contos que conto agora", dinamizada pelo grupo de trabalho dos docentes de 4º ano, do Agrupamento de Escolas José Maria dos Santos, surge este livro digital.

Foi elaborado pelos alunos da turma K, do 4º ano, da Escola E.B. Zeca Afonso - Pinhal Novo, com colaboração das suas famílias e orientação da sua professora.

Pinhal Novo, novembro de 2016

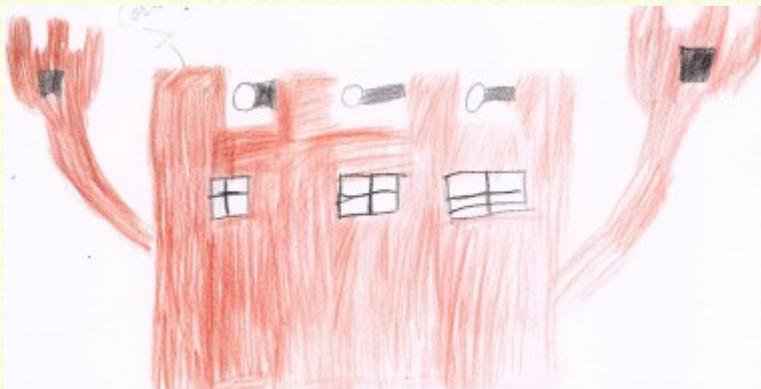
prof. Anabela Mota

Historia de Palmela

Palmela foi desde a sua génese um território propício a ficção humana como nos documentam os sucessivos testemunhos arqueológico desde a Pré-história Antiga até ao período Muçulmano. Em 1147, com a expansão e subsequente ocupação territorial cristã, D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, conquista Palmela aos Mouros. Em 1185, concede foral a povoação e doa o castelo de Palmela aos cavaleiros de Santiago. Seguiram-se, depois, varias conquistas e reconquistas entre cristão e muçulmanos, tendo Palmela sido definitivamente recuperada no reinado de D. Sancho I. Em 1323, D. Dinis eleva Palmela a categoria de vila.

No ano 1423, D. João I ordena a construção de um convento mestral para os “Freires de Santiago” e, em 1443, a sede da ordem religiosa militar de Santiago de Espada instala-se no castelo de Palmela até à extinção das ordens militares ocorrida em 1834.

Pesquisado por: David Inácio



A latrina do Pinhal Novo

Há 50 anos atrás, nas habitações de Pinhal Novo, não havia saneamento básico. Os habitantes da aldeia, por não terem casa de banho com sanita e esgotos, utilizavam um pote de barro vidrado como sanita. Este era colocado, pelos utilizadores, à sua porta, até passar o senhor João da Latrina. Todas as manhãs, por volta das 7 horas, passava ele numa carroça com uma cisterna, onde todos os habitantes despejavam os seus potes. A mesma carroça passava dois dias por semana para lavar as ruas. Era um trabalho sujo, mas necessário!

Hoje em dia, Pinhal Novo já tem todas as condições básicas, mas sendo uma vila, ainda se notam algumas faltas. Exemplo disso é a tão falada Vala da Salgueirinha.

Pesquisado por: Dinis Lourenço



Encontro de Páscoa

Quando a minha mãe era pequenina e enquanto os seus avós paternos foram vivos existia a tradição de irem passar o dia de Páscoa na sua casa. Eles viviam no Alentejo, em Vendas Novas. A minha mãe e os pais acordavam bem cedo e apanhavam o comboio. Ela recorda-se que estava sempre muito fresco e que no campo as ervas estavam cobertas de geada, pareciam brilhantes! Em casa dos avós, recorda-se da chaminé enorme de chão, onde cozinhavam o borrego em tachos de barro. Ficava sempre delicioso! Nesse dia aproveitava para brincar com o primo Vitor, passeavam na horta.

Havia um local que ela adorava especialmente: um tanque enorme, onde antigamente se lavava a roupa, anexo a um poço. Tinha sempre água fresquinha e era coberto com trepadeiras que protegiam as lavadeiras do sol. Ao final, a minha mãe e a família regressavam a casa cansados, mas felizes!

Pesquisado por: Filipe Safaneta

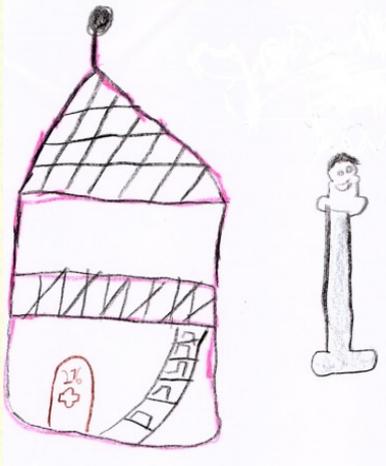


Os "Caramelos" de Pinhal Novo

Há muitos anos atrás todas as vinhas que existiam no Pinhal Novo, Poceirão, Palhota, Rio Frio eram de uma única pessoa que se chamava José Maria dos Santos. Era um senhor muito importante, mas ele sozinho não conseguia tratar de todas as vinhas e começou a dizer que quem viesse trabalhar para ele que dava o ordenado pelo trabalho e um pouco de terra para as famílias cultivarem e criarem alguns animais para se sustentarem. Começaram a vir pessoas de várias zonas do país e essas pessoas tinham costumes diferentes das de cá, vestiam, cozinhavam e falavam de forma diferente. Foi então que as famílias que já viviam cá começaram a chamar "Caramelos" às famílias que vieram de longe para se distinguir.

Nasceu também a "sopa caramela". Como o dinheiro não era muito, essas famílias dos trabalhadores das vinhas cozinhavam uma sopa muito forte, com todos os legumes e carne que criavam e cultivavam no terreno oferecido pelo senhor José Maria dos Santos.

Pesquisado por: Guilherme Serafim



O piquenique da família

Na minha família, da parte da minha mãe, já há muitos anos temos a tradição de fazer um piquenique. Os mais velhos da família combinam o que se leva para comer e ligam para todos os familiares para se marcar. Somos num total mais ou menos 50 pessoas. Levamos mantas, cadeiras, bicicletas, muita comida e doces. A minha tia Laidinha faz sempre um bolo, que é delicioso. O piquenique é sempre no mesmo sítio em Lisboa, numa mata que atualmente se chama Quinta das Conchas e que fica no Lumiar. Este local é muito importante para a minha família, pois foi onde os mais velhos da família moraram e cresceram. Conhecem a mata de cor e salteado. Nesta mata até há um castelo.

Os mais novos levam bolas para jogar. No final fazemos sempre um jogo de futebol, em que jogam os solteiros contra os casados. As minhas tias, primas, mãe e avôs estão sempre na conversa. Às vezes jogam connosco, contamos anedotas, andamos pelo parque. É um dia muito feliz e marcante para mim e para a minha família.

Quero manter esta tradição quando crescer.

Pesquisado por: Gustavo Santos



O Caldo de Pedra

Um frade andava no peditório; chegou à porta de um lavrador, mas não lhe quiseram aí dar nada. O frade estava a cair com fome, e disse: - Vou ver se faço um caldinho de pedra. E pegou numa pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pôs-se a olhar para ela para ver se era boa para fazer um caldo. A gente da casa pôs-se a rir do frade e daquela lembrança. Diz o frade: - Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa. Responderam-lhe: - Sempre queremos ver isso. Foi o que o frade quis ouvir. Depois de ter lavado a pedra, disse: -Se me prestassem aí um pucarinho. Deram-lhe uma panela de barro. Ele encheu-a de água e deitou-lhe a pedra dentro. - Agora se me deixassem estar a panelinha aí ao pé das brasas. Deixaram. Assim que a panela começou a chiar, disse ele: - Com um bocadinho de unto é que o caldo ficava um primor. Foram-lhe buscar um pedaço de unto.

Ferveu, ferveu, e a gente da casa pasmada com o que via. Diz o frade, provando o caldo: - Está um bocadinho insosso; bem precisa de uma pedrinha de sal. -

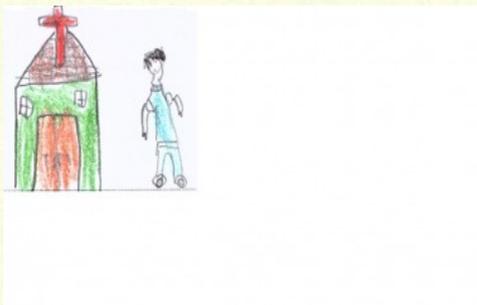
Também lhe deram o sal. Temperou, provou, e disse: - Agora é que com uns olhinhos de couve ficava que os anjos o comeriam. A dona da casa foi à horta e trouxe-lhe duas couves tenras. O frade limpou-as e ripou-as com os dedos deitando as folhas na panela. Quando os olhos já estavam aferventados, disse o frade: - Ai, um naquinho de chouriço é que lhe dava uma graça...

Trouxeram-lhe um pedaço de chouriço; ele botou-o na panela, e enquanto se cozia, tirou do alforge pão e arranjou-se para comer com vagar. O caldo cheirava que era um regalo.

Comeu e lambeu o beijo; depois de despejada a panela ficou a pedra no fundo. A gente da casa, que estava com os olhos nele, perguntou-lhe: - Ó senhor frade, então a pedra? Respondeu o frade: - A pedra lavo-a e levo-a comigo para outra vez. E assim comeu onde não lhe queriam dar nada.

Teófilo Braga, Contos Tradicionais do Povo Português

Pesquisado por: Gustavo Valente



A história da minha família materna

Os meus avós maternos são da região da Beira Alta, mais precisamente do concelho de Castro Daire, distrito de Viseu. Os meus avós viviam do campo, os tempos eram difíceis, pois o trabalho era muito pesado. Quando a minha mãe nasceu, eles decidiram que tinham que procurar uma vida melhor. Foram para Lisboa, onde nasceram os meus tios. A minha avó era porteira e o meu avô pedreiro. Um dia o meu avô veio ajudar a construir uma casa perto do Pinhal Novo. Gostou Tanto desta localidade que comprou um terreno e construiu uma casa. Quando se reformaram vieram viver para essa casa.

Os meus pais também gostaram muito e decidiram ficar a viver no Pinhal Novo. Aqui nasceram, mais tarde, o irmão e eu. Somos setubalenses, com uma costela beirã, da parte da mãe.

Pesquisado por: João Bernardo Cruz



A procissão em honra de Nossa Senhora do Rosário no Barreiro

A história que vou contar é sobre a procissão em honra de Nossa Senhora do Rosário, que acontece todos os anos, a 15 de agosto, desde o ano de 1736. Esta Nossa Senhora é a protetora dos escravos e dos oprimidos. Naquele tempo, havia muitos escravos por causa dos Descobrimentos. A rainha D. Maria I também gostava muito desta Nossa Senhora. Na igreja do Barreiro, ainda hoje se encontra a imagem que a rainha gostava de ter no seu quarto quando se aproximava a hora do nascimento dos seus filhos, para se sentir protegida. É uma imagem que data de 1506, com cerca de 40 centímetros de altura. A rainha D. Maria I gostava tanto da Nossa Senhora que ofereceu muitos dos seus vestidos e joias à Santa. Uma imagem em tamanho real sai à rua em procissão todos os anos, com o vestido de casamento da rainha e com algumas das suas joias.

Também era no Barreiro que se fabricavam os biscoitos que os navegadores dos Descobrimentos levavam para comer nas suas viagens. O biscoito era uma espécie de pão que era cozido em fornos de lenha, várias vezes, para que se mantivessem bons durante meses.



Pesquisado por: João Pedro Rodrigues

A TORRE E A ESTAÇÃO DOS COMBOIOS DO PINHAL NOVO

Estação dos comboios do Pinhal Novo nasceu em 1935 e é atualmente, o mais importante nó ferroviário da margem sul do Tejo. Já em 1984 passavam por aqui, cerca de 80 comboios por dia. A torre de sinalização da estação dos comboios do Pinhal Novo é da autoria do arquiteto Cotinelli Telmo, foi inaugurada em 1938 e considerada um notável edifício. O estilo arquitetónico da torre foi considerado, na época, como revolucionário. Foi também neste ano que foram colocados, no edifício da estação, 23 painéis de azulejos pintados, representando diversas paisagens do distrito de Setúbal, nomeadamente as atividades agropecuárias e o património histórico-edificado da região.

Em finais de 1992 foi lançado o concurso público de pré-qualificação para a instalação do Eixo Ferroviário Norte - Sul. Este projeto consistiu numa ligação ferroviária entre as margens Norte e Sul do Rio Tejo, utilizando a Ponte 25 de Abril, permitindo assim a circulação de comboios de longo curso e suburbanos entre as duas margens. A nova linha, em via dupla electrificada, devia ligar-se com a rede ferroviária no Pinhal Novo. O primeiro troço a ser construído foi o de Chelas a Coina, sendo posteriormente prolongado até Penalva, onde uniu com a linha de Pinhal Novo à Autoeuropa, facilitando o transporte de pessoas, matérias-primas e produtos finais para serem comercializados.

Pesquisado por : Lara Cruz



O MACACO RABALHUDO

Havia um macaco que era muito vaidoso e andava a passear pela avenida com um grande rabo. Os meninos gritavam: - Eh, macaco rabalhudo... Eh, macaco rabalhudo... Ele foi, chegou ao barbeiro: - Ó barbeiro, corta-me o rabo e atira-mo fora, que eu não estou para aturar aqueles rapazes lá da escola. Eh... Tanto barulho... O barbeiro cortou o rabo. Pensando que agora já não tinha mal, lá foi... A malta: - Eh, macaco rabichudo... Não tem rabo, eh... Pronto, foi outra vez ao barbeiro. - Oh, barbeiro - ele era sempre assim, fazia arrendia-se - quero aqui o meu rabo. - O rabo, o quê?... Atão cortei-to, deitei-o fora...Atão... - Ai sim? - o gajo muito ligeiro - Atão roubo-te a navalha - e zás, deita-lhe a mão à navalha e foge. O barbeiro atrás dele a atirar-lhe pedras mas enfim, lá fugiu que corria muito. Foi andando, foi andando, encontrou um homenzinho, um picheiro a arranjar o peixe à unha.

- Ei, ó home – o macaco assim muito vaidoso, muito importante – isso é anti-higiénico pá, isso não se faz, atão, isso é à unha, não? Atão?... - Eh..., não tenho nenhuma navalha... - Desgraçado, se não for eu... Toma lá uma navalha, o que vale é que eu sou boa pessoa. Foi o macaco, deu-lhe a navalha, foi andando, foi andando... Lembrou-se e voltou outra vez para trás... - Ó home, dê cá aqui a minha navalha. - Dá cá a navalha o quê... - Ai sim? Vuuu... Ficas sem sardinhas. - e fugiu o macaco. Foi andando, foi andando, encontrou um moleiro, à porta do moinho a comer pão sem mais nada... - Ei home, atão isso vai assim a seco, não? Atão aí não há um condutozinho, não há nada?... - Atão, aqui não há nada, há que tempos que não vou lá à aldeia, não há aí nada, tava com fome, olha que remédio, foi... É pão da farinha que faço aqui... - Ei home... Uma sardinha gorda. Olhe pra isto home... Toma lá. - Obrigada... Foi andando, foi andando... - O que vale é que eu sou boa pessoa, ele sabe lá... Foi andando, foi andando, volta para trás. - Psitt, ei... Quero cá a minha sardinha.

- A tua sardinha comi-a, tá aqui na minha barriga. - Ai sim? Atão tiro-te este saco de farinha. Lá foi atrás dele, enfim, à pedrada mas... Lá foge o macaco. Foi andando, foi andando, encontra um casebrezito, uma mulherzinha com muitos filhos e tudo com cara de fome. - Ei mulher, parece que não dás comer a essa gente, tão todos... - Atão, sou pobrezinha, não tenho nada, onde é que eu... - Atão nem sequer fazes pão? - Com quê? Um bocadinho de farinha... - Toma lá este saco de farinha, o que te vale é que eu sou bom. Faz pão pra essa gente, toma lá. Foi andando, foi andando, volta para trás. - Quero aqui o saco de farinha. - Ai isso é que não te dou. - Ai sim?... Roubo-te esta menina - e zás, o macaco levou a menina. Foi andando, foi andando, tava uma mulherzinha, era lavadeira, a lavar a roupa numa ribeira. - Ei, mulher, quando é que tu acabas de lavar essa roupa toda? - Atão, não tenho ninguém que me ajude, o que é que hei-de fazer? Sou lavadeira e tenho que lavar isto... - Toma lá esta menina que é capaz de te ajudar. Toma lá. - Calha bem... Foi andando, foi andando, volta para trás.

- Tch... Ei, mulher, ei. Quero aqui a menina. - O quê?... Já me habituei a ela, ela gosta de mim, eu gosto dela. Ai não, não... - Ai sim?... Então roubo-te esta camisa - e fugiu. Pronto, era sempre corrido à pedrada mas fugia. Foi andando, encontra um tipo, um violeiro... Um violeiro agora... Antigamente eram os artesãos mesmo da aldeia é que faziam as violas...estava lá a fazer uma viola... mas ganhava pouco. As violas não valiam o dinheiro de agora. Agora é só violas eléctricas e elas são muito caras. Claro, aquilo... Tava o homenzito a fazer a viola... - Ei! - tava sem camisa - Ó homem, isto ainda não é tempo pra andar em tronco nu. Tão que é isso? Atão, tu não tens frio? - Pois tenho, mas atão... Não tenho camisa. - Toma lá esta camisa, homem, o que vale é que... Se não fosse eu, se não fosse eu... Foi andando, foi andando, voltou para trás. - Ei, ó pá. Quero cá a minha camisa. - Ai, isso é que eu não te dou.

- Ai sim?... Hum – deitou a mão à viola e começou a tocar: - Frum-fum-fum ...Do meu rabo fiz navalha, da navalha fiz sardinha, da sardinha fiz farinha, da farinha fiz menina, da menina fiz camisa, da camisa fiz viola, frum-fum-fum... adeus, que vou pra Angola.

Pesquisado por: Matilde Barradas



Nasceu a sopa Caramela

Vocês sabem a História da sopa Caramela? Se não sabem, venham comigo conhecer a História! Tudo começou há muito tempo, no século XX, antes da ponte 25 de abril ser construída. O Pinhal Novo era um sítio com poucas pessoas. A nossa localidade tinha muitos campos, por isso precisava de pessoas para cuidar deles. Então, as pessoas de Beira Litoral vieram trabalhar nos campos, até começaram a chama-lhes de Caramelos de ir e vir, porque nas estações do ano em que havia mais trabalho eles vinham para cá trabalhar. Então, o povo que veio trabalhar para o Pinhal Novo, trouxe uns hábitos da sua localidade, por exemplo os enchidos que eles comiam.

Em seguida juntaram alguns dos nossos legumes e fizeram assim uma sopa de panela. Mas como há muitas sopas de panela, deram-lhe o nome de sopa Caramela. Assim a nossa sopinha ficou conhecida por sopa Caramela.

Pesquisado por: Mariana Cruz



Festas Populares do Pinhal Novo

As Festas do Pinhal Novo já se realizam há 18 anos.

As Festas do Pinhal Novo realizam-se no mês de junho. Em 1997, José Carreira Agostinho, o então Presidente de Junta de Freguesia, começou a pensar realizar uma festa que unisse toda a população.

Então, para o ajudar, nomeou Carlos de Sousa, o então Presidente da Câmara Municipal de Palmela e também alguns habitantes do Pinhal Novo. As festas do Pinhal Novo baseiam-se na Cultura Caramela e lembranças de uma vida ferroviária.

Nas Festas do Pinhal Novo é possível ver os ranchos folclóricos e comer uma sopa caramela, ver exposições sobre os ferroviários e atividades da nossa vila, atuações de ginástica, concertos musicais e muitas outras atividades. As festas são uma tradição no Pinhal Novo.

Pesquisado por: Margarida Martins



A lenda da cidade de Moura

Moura é a terra dos meus bisavôs maternos e da minha avó. Conta a lenda, que a princesa Salúquia filha de Abu-Hassam apaixonou-se por Bráfama alcaide mouro de Aroche. Na véspera do casamento, quando Bráfama se dirigia com a sua comitiva para o castelo, sofreu uma emboscada, onde foi morto perto dum olival. Todo o território Alentejano, foi entretanto conquistado pelos cristãos, que vestiram as roupas dos muçulmanos e se dirigiram para o castelo, na cidade de Moura. A princesa, que aguardava na torre pelo seu amado, ao avista-los mandou abrir a porta. Mal entraram, apanharam todos de surpresa e foi fácil conquistar o castelo. A princesa Salúquia, ao aperceber-se do erro que tinha cometido, pensou que o seu amado teria morrido e atirou-se do alto da torre onde se encontrava. Comovidos pela história contada pelos sobreviventes, deram o nome à cidade de “Terra de Moura Salúquia”.

Anos mais tarde ficou só a chamar-se cidade de Moura. A torre do castelo, ainda hoje se chama a torre da Salúquia e a um olival, nas proximidades, onde supostamente foi morto Bráfama e a sua comitiva, o povo chama-lhe Bráfama de Aroche . No brasão da cidade de Moura, vê-se a torre e a princesa morta no chão.

Pesquisado por: Marisa Bate

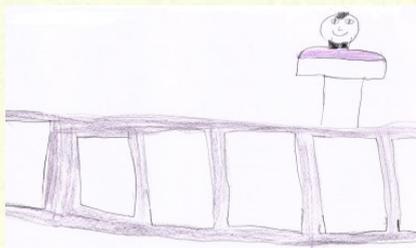


História do Pinhal Novo

O Pinhal Novo veio de José Maria dos Santos e dos caminhos-de-ferro. Estes podem ser considerados como motores de arranque da vila. O resto do percurso, até aos dias de hoje, foi conseguido pelo bairrismo que une cada pinhal-novense/caramelo. As primeiras referências à região datam de 1806. Pinhal Novo pertencia ao Barão de S. Romão, que habitava o palácio da Lagoa da Palha. Pela mesma altura ficaram conhecidas também as Sesmarias da Fonte da Vaca, Terrim, Montinhoso e Arraiados. O Barão morreu em 1820, deixando os seus bens à mulher e ao filho. A História do Pinhal Novo só começa no início da construção do ramal de caminho-de-ferro entre Pinhal Novo e Setúbal. E é devido à construção de uma estação no Pinhal Novo que passou a ser conhecido. José Maria dos Santos, cedo se apercebeu das vantagens económicas que traria um caminho-de-ferro. Devido à inauguração do mesmo, em 1856, o Pinhal Novo começou a progredir.

A colonização foi feita por colonos sazonais, imigrantes que vinham trabalhar nos arrozais do Sado e da margem Sul do Tejo e também vinham trabalhar no caminho-de-ferro, os caramelos. A eles se juntaram os ratinhos e trabalhadores agrícolas do Alentejo e, como faltavam pessoas, da Beira Litoral e Vale do Mondego. Estes tinham contrato e no final desse, regressavam a casa e ficavam à espera que fossem chamados novamente. Eram por isso chamados de “caramelos de ir e vir”. A minha família é descendente desses trabalhadores, é essa a causa de eu ser caramela.

Pesquisado por: Marta Martins



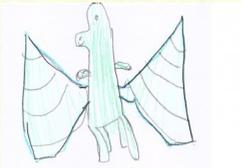
O Dragão

Ching-Ling era uma menina chinesa com a paixão dos dragões. Em casa, a mãe bordava dragões de seda, o pai fazia dragões de loiça, o irmãozinho dormia num berço com um dragão pintado. E ela colecionava toda a bicharada que, de longe ou de perto, lembrasse um dragão. Tinha caixas com lagartos e lagartixas debaixo da cama, camaleões agarrados às cortinas, peles de cobras penduradas no candeeiro mais três iguanas a solta pelo quarto. -Que horror!-refilava a mãe. -Vai estudar!-ralhava o pai. -Deixa de sonhar com dragões, porque eles são uma fantasia, não existem! Não existiam mesmo? Certo dia, que havia ela de encontrar na floresta? Um pequeno réptil que era tal e qual um dragão em miniatura. Apanhou-o logo e correu para casa, com o coração a bater de alegria. Para alimentar todos os animais, a rapariga tinha de se meter no mato, com chuva, mesmo com temporal.

Num inverno, tanto frio apanhou que adoeceu. Sentia-se cheia de febre e quase não conseguia respirar, mas, mesmo assim, dirigiu-se pra a lagoa onde havia plantas e insetos em abundancia. Contudo, estava tao fraca que perdeu os sentidos. Encontrou-a um velho caçador que a levou ao colo para casa. Estava tao mal que chamaram uma ambulância para a levar para o hospital. Que havia de fazer aos seus répteis? Com lagrimas nos olhos, abriu a janela e soltou-os. Só não teve coragem de se desfazer do pequenino dragão. Prendeu-o com um cordel e levou-o consigo. Um hospital não é o sítio mais indicado para albergar bichos de estimação. Aquele trepava-lhe pelas pernas, fazia-lhe cócegas nos pés, mordía os lençóis. Mas o maior problema era dar-lhe de comer. Ela própria era alimentada a soro, que descia de uma garrafa por um tubinho, diretamente para veia. Então, na escuridão da noite, Ching-Ling deixou o dragão afastar-se sempre preso ao novelo de cordel.

Talvez encontrasse migalhinhas de pão ou uma mosca adormecida. Ouvia-o saraquitar, trepar, arranhar com as unhas afiadas. Quando, de madrugada, o puxou, veio em passo lento e trazia a barriga bem gorda. Abriu-lhe a boca. E que encontrou ela? Comprimidos e cápsulas de todas as cores! Três dias e três noites ela ficou no hospital a soro, seu dragão a acompanhou. Quando chegou a casa disse: -Foge, foge, sê livre- disse ela Pois enquanto esteve no hospital verificou que não poderia tomar conta de seu dragão e amigo. Ele só seria feliz se for livre na floresta onde existia comida com abundância. A muito custo o dragão lá foi e nunca mais o encontraram.

Pesquisado por: Matilde Pestana



Os Sapatinhos Encantados

ERA UMA VEZ uma mulher muito bonita que dava estalagem e a todos os almocreves que lá iam perguntava se tinham visto uma mulher mais bonita do que ela. Ela tinha uma filha mais bonita do que ela e tinha-a fechado para ninguém a ver. Disse-lhe um dia um almocreve: «Ainda agora ali vi uma mulher mais bonita a uma janela a pentear-se.» «Ai! Era a minha filha; pois vou mandar matá-la.» E mandou dois criados matá-la a um monte e ela disse-lhes que a não matassem, que a deixassem, que prometia não tornar a casa. Os criados tiveram dó dela e deixaram-na. Ela foi indo e chegou a uma serra e viu uma casa; era noite; pediu se a acolhiam e não achou ninguém. Entrou para dentro e fez a ceia, e assim que a acabou de fazer, escondeu-se; nisto chegaram ladrões que vinham de fazer um roubo e, depois que viram a ceia feita, começaram a dizer: «Ai! Quem nos dera saber quem é que fez a ceia. Se por aí está alguém, apareça.»

E ela apareceu-lhes e contou-lhes a sua sorte, coitadinha, e eles disseram: «Agora não se aflija; há-de ficar connosco e fazemos a atenção que você é nossa irmã.» Daí por diante os ladrões lá iam para os seus roubos e ela ficava sempre; eles estimavam-na muito e tratavam-na. Ia uma velhota a casa da mãe dela que andava sempre em recados por muitas terras e a mãe dela disse-lhe: «Você, como anda por muitas terras, diga-me se já viu uma cara mais linda do que a minha.» E ela disse-lhe: «Vi, vi uma rapariga que ainda era mais linda que você em tal banda.» «Você quando vai para lá? Quero que lhe leve uns sapatos.» E deu uns sapatos à velha e disse-lhe: «Leve-lhos e diga-lhe que é a mãe que lhos manda; mas ela que os calce antes de você de lá sair; eu quero saber de certo que ela os calça; olhe que eu pago-lhe bem.» A mulher levou os sapatos à filha; chegou lá e disse-lhe: «Aqui tem esses sapatos que lhe mandou a sua mãe.» Ela disse-lhe: «eu não quero cá sapatos nenhuns; meus irmãos dão-me quantos sapatos eu quiser; não os quero.»

A velha ateimou tanto com ela que ela pegou neles; calçou um, fechou-se um olho; calçou outro, fechou-se-lhe o outro olho e ela caiu morta. Depois vieram os ladrões, choraram muito ao pé dela, lastimaram muito a morte dela e depois disseram: «Esta cara não há-de ir para debaixo da terra; levemo-la num caixão à serra de tal banda que vem lá o filho do rei à caça para ele ver esta flor.» Depois levaram-na a esse sítio; veio o filho do rei e viu-a e achou-a muito bonita e depois tirou-lhe um sapato e ela abriu um olho, tirou-lhe outro, abriu outro olho e ficou viva. E ele então levou-a para casa e casou com ela e foram visitar a bêbeda da mãe e esta ainda depois mesmo a queria mandar matar, mas não o conseguiu.

Pesquisado por: Phoebe Alexandre



O meu Concelho – Palmela

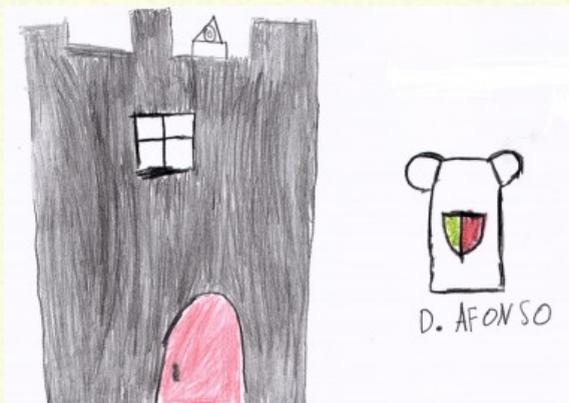
Como no ano passado, já tinha feito um trabalho sobre o Pinhal Novo, agora quis fazer uma pesquisa sobre o Concelho do Pinhal Novo. A minha escolha foi porque gosto do castelo, ter uma história e por ser o meu Concelho.... Palmela é uma vila pertencente ao Distrito de Setúbal, com cerca de 19.500 habitantes, sede de um município com cerca de 62.831 habitantes e com 465,12 km². Está subdividida em 5 freguesias: Palmela, Pinhal Novo, Quinta do Anjo, Poceirão e Marateca. O atual presidente da Câmara é o Sr. Álvaro Amaro (filho do patrono da nossa sala do 3º ano). Palmela foi um local estratégico para os povos se fixarem, por ser a chave do território entre o sado e Tejo, tendo sido ocupada por Celtas, Romanos e Árabes. Em 1147, D. Afonso Henriques conquistou Palmela aos Mouros, e em 1185 concedeu floral à povoação e doou o castelo de Palmela aos Cavaleiros de Santiago.

Nos anos seguintes, houve várias conquistas e reconquistas entre cristãos e mouros, tendo Palmela sido definitivamente recuperada no reinado de D. Sancho I. Em 1323, D. Dinis eleva Palmela a Vila, e em 1423 D. João I ordena a construção de um convento mestral para os “Freires de Santiago”. Em 1512, a 1 de Junho, D. Manuel I concedeu novo foral à vila. Em 1755, o terramoto que destruiu Lisboa deixou também marcas em Palmela. Em 1855 acaba o concelho de Palmela, sendo integrado no de Setúbal (atual capital do distrito).

A 8 de Novembro de 1926, o concelho foi de novo restaurado, criando-se três novas freguesias dois anos mais tarde (Pinhal Novo, Quinta do Anjo e Marateca).

Sítios para visitar em Palmela, temos: o castelo de Palmela, a Igreja de Santiago de Palmela, a igreja de Santa Maria, igreja de S. Pedro, o museu municipal, a igreja da Misericórdia e a capela de S. João Baptista.

Pesquisado por: Rafael Quaresma



Lenda da Quinta do Anjo

Reza a lenda que, por alturas do século XIII, um Anjo bom, armado com uma espada, provavelmente São Miguel, terá feito uma aparição numas terras junto à Serra do Louro. Nesse mesmo local, anos mais tarde, se construiu uma quinta, a Quinta do Anjo. Junto a essa mesma quinta, terá nascido uma aldeia que desceu a serra e se tornou a vila que hoje se conhece pela mesma toponímia. De acordo com esta mesma lenda, nessa sua aparição, o anjo terá abençoado uma fonte com lago, que aí existia, salvaguardando as suas águas de uma tentativa de envenenamento por parte de Lucifer, conferindo-lhes, assim, propriedades curativas. Incitados por estes rumores e pelas riquezas que daí poderiam advir, muitos exploraram esse lago até à sua extinção, sempre sem sucesso. Creem alguns dos mais antigos que este rumor foi apenas um engodo para desviar as atenções da verdadeira missão do Anjo São Miguel.

Conta-se então que o Anjo teria, na verdade, aparecido para trazer um objeto de valor inestimável, tendo este ficado entregue à guarda da Ordem dos Templários, que por aquela época montava arraiais na zona de Palmela. O propósito era que tal objeto fosse protegido a todo o custo por esta Ordem. Com o passar dos tempos e a suposta extinção da Ordem dos Templários em 1312, a proteção a esse objeto foi-se desvanecendo, a sua história passou a lenda e as informações da sua existência e paradeiro perderam-se irremediavelmente.

Pesquisado por: Sofia Sousa

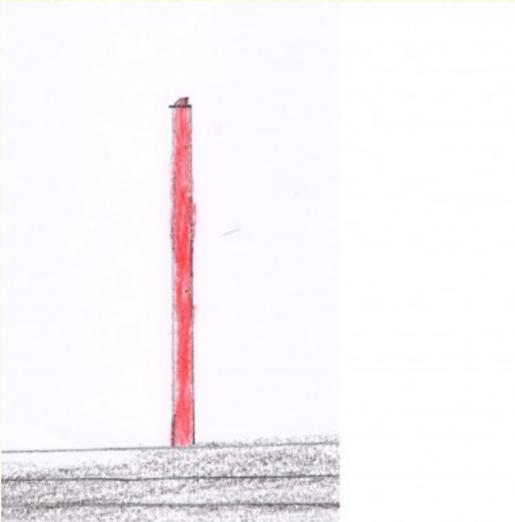


Pequena História do Pinhal Novo

O Pinhal Novo foi há muitos anos a maior vinha do país. Em 1806 a região era coberta de mato e vinhas e pertencia ao Barão de S. Romão que morava no palácio da Lagoa da Palha. José Maria dos Santos casou com a neta do Barão e começou a plantar mais pinhal e vinhas. Foi O grande responsável da história do Pinhal Novo. Um dado importante na história da vila foi a construção do ramal do Caminho-de-Ferro entre o Pinhal Novo e Setúbal. O nome de Pinhal Novo vem da construção da estação dos comboios, nesta altura, e porque havia muito pinhal, plantado de novo, na zona. O meu trisavô fez parte dos primeiros moradores do Pinhal Novo e participou na construção dos caminhos-de-ferro entre Pinhal Novo e Setúbal, e também trabalhou na S.F.U.A. (Sociedade Filarmónica União Agrícola) que foi construída em 1896.

A minha Trisavó foi guarda de passagem de nível que era umas das profissões muito comuns na altura. Com a construção da estação e da linha de comboio tiveram de vir morar para cá mais pessoas para servirem de mão-de-obra e fazer crescer a terra. Essas pessoas ficaram conhecidas como “caramelos”.

Pesquisado por: Tiago Oliveira



Pescaria e acampamento na ribeira em Vale de Maceiras no feriado 15 de agosto

Na véspera do 15 de agosto, eu, os meus pais e o meu irmão fomos para Vale de Maceiras porque é a tradição da família ir la passar a noite e o dia de 15 de agosto. Fomos nós, os meus primos de Setúbal e os primos de Évora e de fronteira. Nós levamos camas, tendas, cadeiras e mesas. Nesse dia, o jantar foi sopa de beldroegas e peixinho frito que apanhamos na ribeira. No dia seguinte, fomos à pesca com os nossos primos e apanhamos muito peixe. Pescámos com amostras e com boias. Eramos muitos e mesmo assim apanhamos muito peixe. Também tínhamos uma nascente onde íamos buscar água para nos lavarmos e cozinarmos.

Foi muito bom. O nosso almoço foi caldeirada de peixe do rio. Eu gosto muito de ir à pesca e adoro acampar. Por mim ficaríamos lá mais dias. No dia seguinte, tivemos de arrumar tudo para irmos embora para a nossa casa. Esta é a tradição da minha família.

Pesquisado por: Tomás Carapeta



As traquinices da minha avó

Zéte...

A minha avó, tem tantas e tantas traquinices que eu tive que escolher três ou quatro para contar, se não, nunca mais saía daqui. A minha avó adorava ir às hortas, como a avó diz ia à "chinchada", subia às árvores de frutos de tamarinos e de goiabas, punha-se nas pontas dos galhos para apanhar as frutas mais maduras. Depois os vizinhos preocupados iam a correr chamar a minha bisavó, pois esta não sabia o que a minha avó andava a fazer, que podia cair das árvores e magoar-se a sério. Outra coisa que passava a vida a fazer, era jogar à bola e saltar os muros com os rapazes o que lhe valeu a alcunha de Maria Rapaz. Adorava andar de mota, é difícil de imaginar a minha avó andar de mota....mas imagino-a a andar numa mota vermelha e preta. Vestida com uma blusa rosa, calças azuis escuras e de chinelos amarelos. Grande imagem!

Um dia teve um problema de saúde, teve uma crise de apendicite e tinha de ser operada. Mas não foi! E sabem porquê? Fugiu do hospital, pois não queria ser operada. Mas não lhe valeu de muito... dois dias depois desmaiou e teve mesmo de ser e de urgência. A minha avó e os meus tios eram muito gulosos, ainda hoje são. A bisavó Isilda fazia caramelos para vender e eles “roubavam” os restos e até os próprios caramelos. Fugiam para não serem apanhados em flagrante e deliciavam-se com os caramelos e com a situação.

Foi muito engraçado fazer este texto. Serviu para rir e a avó relembrar momentos da sua infância.

pesquisado por: Vitor Soares

